

REDES SOCIAIS VIRTUAIS E O USO DO APLICATIVO WHATSAPP NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM

DENISE MACHADO CARDOSO

DARLAN GARDUNHO COSTA

RESUMO

Este trabalho tenciona apresentar e discutir as Redes Sociais Virtuais: o uso do aplicativo whatsapp no processo ensino aprendizagem, realizando uma revisão de referências bibliográficas, um estudo em lócus sobre o assunto em questão, e consequentemente algumas conclusões que permeiam a temática discutida. Desta forma, a finalidade deste trabalho é verificar como as redes sociais virtuais, em especial, o uso do aplicativo Whatsapp pode garantir possíveis caminhos de aprendizagem, servindo como um recurso pedagógico no espaço inter e intraescolar. Os resultados obtidos neste trabalho, apontam que o conceito de redes sociais ultrapassam a clássica “definição” do senso comum, e que tratando de temporalidade, é urgente que nossos docentes compreendam que os discentes são heterogêneos, com múltiplas inteligências, e que é possível sim o aplicativo whatsapp garantir conhecimento, quando usado corretamente com um fim pedagógico.

Palavras chaves: Redes sociais virtuais, Whatsapp, Ensino-aprendizagem

INTRODUÇÃO

A educação como tema de estudo é referida, geralmente, a partir do ambiente da escola e das práticas que ocorrem nos seus espaços físicos. Contudo, à medida em que os usos de aplicativos de aparelhos de telefonia celular vêm crescendo, proporcionado pelo acesso à rede mundial de computadores - comumente denominada de internet, os modos de vivência escolar ganharam novas configurações a partir dos usos de ambientes virtuais. Se até recentemente o espaço da educação escolar ocorria nas salas de aulas presenciais, em prédios construídos para este fim, e marcados por práticas disciplinares, tal como analisado por Michel Foucault em várias de suas obras (2000, 2003, 2011), mudanças significativas têm ocorrido nas maneiras de vivenciar a educação formal.

As redes sociais virtuais, em especial o aplicativo WhatsApp, expandem as possibilidades de interações proporcionando um ensino que não se limita às condicionantes de tempo e espaço, garantindo aos docentes atender, de um modo mais rápido e personalizado, algumas das demandas individuais de discentes. Por outro lado, ao utilizar o WhatsApp os/as estudantes saem da condição de mero espectadores e passam à condição de autores e autoras. Consequentemente, o processo de ensino/aprendizagem nestes moldes garante condições favoráveis à construção de conhecimento compartilhado. O processo dialógico assim estabelecido entre professores e professoras com estudantes, ganha nuances que englobam pessoas de outros grupos sociais, sejam elas da escola, de suas classes, de membros familiares, e até mesmo de grupos sociais diversos do próprio município ou de qualquer outro lugar do planeta.

Cabe mencionar que o WhatsApp é um dos aplicativos que está se difundindo cada vez mais no Brasil e em outros países, sendo considerado a segunda rede social virtual com maior número de usuários. Assim, não é mais possível ignorar os seus benefícios e desafios para a educação, seja ela formal, não formal ou informal. Todavia, é inegável a existência de dificuldades enfrentadas em seu uso, tais como: a localização geográfica somada ao precário de sinal de internet, a baixa renda que impõe limitações para aquisição de um aparelho tecnológico que suporte a instalação de aplicativos virtuais ou até mesmo internet privada, dentre outras.

A que pese iniciativas de governos (municipais, estaduais e federal) na oferta de treinamentos para os usos de tecnologias informacionais atreladas ao processo educacional, nota-se que professores e professoras ainda se ressentem com a reduzida preparação específica para

a utilização desses recursos e no aprimoramento do ensino. Por certo, o tema que apontamos neste estudo é instigante na medida em que envolve diferentes aspectos da realidade escolar nestes tempos em que o virtual ganha destaque nas práticas cotidianas.

Neste estudo em particular, intencionamos caracterizar os usos da rede social virtual a partir do aplicativo WhatsApp no contexto da escola pública no município de Salvaterra – arquipélago do Marajó. A escolha por este município como locus de investigação se deve ao fato de desenvolvermos projetos de ensino, extensão e pesquisa neste e em outros municípios do Marajó, o que facilita a inserção e observação das suas realidades sociais.

Buscamos desenvolver como centro do debate os modos como o uso do aplicativo WhatsApp interfere no cotidiano escolar. Para tanto, foram adotados os procedimentos metodológicos das Ciências Sociais. Dessa maneira, vislumbramos as práticas que as redes sociais possibilitam no âmbito da educação escolar, a partir da inserção como docentes e como investigadores desta área de conhecimento.

O artigo está estruturado em três partes: na primeira parte apresentamos uma breve definição de redes sociais virtuais, seguida de uma breve caracterização do aplicativo multiplataforma WhatsApp. Buscamos, ainda, descrever os usos das redes sociais virtuais e sua relação com a aprendizagem durante a pandemia do novo coronavírus. Continuamente apresentamos os usos destas redes sociais no ensino de Sociologia e como essa disciplina se constitui como uma possível resistência ao anti-cientificismo e defesa da liberdade de pensamento. Além disso, destacamos a importância das redes sociais virtuais no uso de múltiplas ciências, destacando a experiência etnográfica numa escola pública municipal localizada na Amazônia brasileira, especificamente, em um município do arquipélago do Marajó. Na terceira parte do artigo apresentamos as experiências observadas na escola onde foi realizada a pesquisa e concluímos com o uso de redes sociais virtuais no processo ensino aprendizagem.

1. REDES SOCIAIS VIRTUAIS

As redes sociais são consideradas estruturas que se formam dentro (ou fora) da internet por pessoas e organizações que têm interesses ou valores em comum. Existe quase sempre uma grande confusão no que se refere às redes sociais e/ou mídias sociais, mas podemos ratificar, todavia,

que as mídias sociais são “apenas” formas de criar as redes sociais na internet.

Para a sociologia, o conceito de redes sociais, representa uma forma de analisar as interações entre os indivíduos, grupos e organizações, e até mesmo sociedades inteiras, desde o final do século XIX. Ou seja, essa ideia de rede social é mais antiga que a internet. De acordo com Marteleto (2001), rede social é definida como “conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados”. Ou seja, um espaço com conjunto de pessoas, estabelecimentos e organizações trabalhando entre si.

Manuel Castells (1999) afirma que somos uma “Sociedade em Rede”, que vivemos a Era da Informação e chama nossa atenção para o fato dessa nova morfologia social modificar profundamente os andamentos de informação, as culturas, educação e os modos de produção. Desse modo, a integração/convergência desses meios (as redes) faz com que estejamos vivendo em uma sociedade em rede. O autor esclarece que:

É claro que a tecnologia não determina a sociedade. Nem a sociedade escreve o curso da transformação tecnológica, uma vez que muitos fatores, inclusive criatividade e iniciativa empreendedora, intervêm no processo de descoberta científica, inovação tecnológica e aplicações sociais, de forma que o resultado final depende de um complexo padrão interativo (Castells, 2006).

É possível falar em novas formas de sociabilidade, que possibilita conexão de variados níveis: global, nacional, regional e local. Percebe-se que as redes ganharam proporções maiores, incluindo uns, excluindo outros, formando aldeias globais de comunicação. Para Castells (2006), o alfabeto é um elemento que proporcionou a infraestrutura mental para comunicação cumulativa, baseada em conhecimentos. No entanto, é perceptível que outros sistemas de comunicação ficaram de fora, tais como os audiovisuais e percepções.

Ainda no entendimento desse autor, uma transformação tecnológica de dimensões históricas similares está ocorrendo 2.700 anos após o advento do alfabeto. Trata-se da integração de vários modos de comunicação em uma rede interativa pela qual integram-se, através do hipertexto, as modalidades escritas, orais e audiovisuais da comunicação humana.

Sobre as formas de sociabilidades nas redes sociais, um dos autores clássicos de Ciências Sociais, que aborda a temática, Barnes, na década

de 60, em seus estudos sobre redes sociais e processo político, ratifica que a ideia de rede, antes de tudo, pensada como socialmente composta por indivíduos que irão se articular a partir de interações, e não por composições egocêntricas, como irão propor outros. Nesta perspectiva, desenvolve a ideia de “rede social total” e “rede social parcial”.

Castells (2002) acrescenta que essa sociabilidade nas redes sociais se caracteriza como laços “fracos” e “fortes”, tornando essas ligações abrangentes além da distância, proporcionando um baixo custo. Em sua visão, estas ligações demonstram, de modo geral, uma característica típica das transmissões de dados, com uma rápida propagação da informação e favorecem afiliações múltiplas.

Embora não se restrinja a um determinado grupo, as redes sociais são um assunto comum entre os jovens/adolescentes. Ao falar das mesmas, sempre se referem à *sites* e aplicativos que podem ter diversos objetivos, como profissionais, de relacionamento, entre outros, sempre permitindo o compartilhamento de informações entre pessoas e empresas. Aplicativos e as chamadas mídias sociais como: Facebook, LinkedIn, Menseger, Telegran, Instagram, Twitter e WhatsApp, sempre vêm de imediato como elementos que definem o conceito de redes sociais.

Apresentamos, a seguir, uma breve caracterização da mídia social WhatsApp (tomadas aqui como sinônimo de redes sociais devido ao modo como usualmente são denominadas) e por ser considerado um dos aplicativos mais utilizados no Brasil.

1.1 WHATSAPP: DISPONIBILIDADE, FUNÇÃO STORIE E OUTROS.

O aplicativo WhatsApp é muito utilizado pelos brasileiros, considerado um instrumento de comunicação acessível aos seus usuários, e quando não utilizado temos a impressão de que a informação e comunicação foram interceptadas, repercutindo em notícias com tons apocalípticos de que a troca de mensagens entre as pessoas tivesse sido bloqueada. Por exemplo, no Brasil, por duas vezes, o aplicativo WhatsApp foi bloqueado pela justiça (WHATSAPP..., 2016). Situações iguais a esta, mostram como essa mídia digital é importante no cotidiano das pessoas, sua não utilização cria um sentimento coletivo de que a comunicação foi extinta.

O WhatsApp é um aplicativo multiplataforma, baixado gratuitamente, com função para troca de mensagens instantâneas, multimídias,

criação de grupos para comunicação coletiva via textos, áudios, vídeos, emojis, documentos digitais, além da possibilidade de realizar chamadas de voz, semelhante a ligações telefônicas. Quem usa esse aplicativo tem seu contato de celular registrado e através dos números contidos em sua agenda telefônica cria-se uma lista de contatos via WhatsApp.

Criado em 2009, o WhatsApp, em quatro anos, alcançou a marca de 450 milhões (GOMES, 2014) de usuários, número que corresponde a um rápido crescimento quando comparado ao da principal rede social digital, Facebook, que cresceu um terço deste valor em um mesmo período de tempo. Este crescimento exponencial do aplicativo chamou a atenção de Mark Zuckerberg, dono do Facebook, que, em fevereiro 2014, comprou o WhatsApp por 16 bilhões de dólares. Atualmente, com 1 bilhão de usuários que trocam 42 bilhões de mensagens por dia, ele é o aplicativo responsável por significativa parte das interações das pessoas e, por isso, as tornam permanentemente conectadas e disponíveis nele.

Devido as múltiplas funções deste aplicativo, citado anteriormente, notamos que muitas empresas, instituições, escolas, criam grupos no WhatsApp para trocas de informações afins. É comum encontrar grupos de turmas escolares que utilizam o WhatsApp como ambiente de suporte para práticas pedagógicas ou até como ambiente virtual para processos de ensino-aprendizagem. Como, por exemplo, a promoção de diálogos filosóficos entre professores e alunos, de acordo com a experiência de utilização do WhatsApp como estratégia metodológica para o ensino de Filosofia no ensino médio, no Instituto Federal do Maranhão (ARAÚJO; JÚNIOR, 2015).

Novos nomes aparecem nas redes sociais virtuais, por exemplo, função Stories, um recurso utilizado por muitos usuários, que mostra a efemeridade da duração das trocas de informações, o fluxo no acontecimento do cotidiano. Usando a função storie, adolescentes, jovens, estudantes publicam e interagem ininterruptamente e de forma veloz. Mas não só eles, muitos professores, além de usuários assíduos, tanto o usam como possibilidade pedagógica.

Ter e administrar perfis em redes e mídias sociais digitais (RIBEIRO; FALCÃO; SILVA, 2012) é condição praticamente indispensável para viver a cibercultura. E o que, inicialmente, servia apenas para manter contatos, conversar com amigos, compartilhar significativos acontecimentos da vida, atualmente, possui diferentes características e funções, como exteriorizar a vida privada para uma audiência, de pessoas conhecidas ou

não, fazer contatos de trabalho, promover e vender inúmeros produtos, dentre outras possibilidades.

Muitos professores optaram em usar a efemeridade do recurso storie para promover práticas mais condizentes com a educação na cibercultura, usando linguagens do ciberespaço, hipermediáticas, da memória de duração de 24 horas, da velocidade dos fluxos de informações para produzir conhecimentos. De acordo Souza e Couto (2016, p. 34):

Essa circulação sideral das mensagens e dos saberes pode, em algumas situações específicas, abrir mão dos registros tradicionais, afinal apagar, desaparecer e esquecer também são dimensões importantes do ensinar e aprender, são dimensões importantes das relações humanas, do viver em fluxo.

Professores que utilizam este recurso, acreditam que as memórias efêmeras que pautam o storie promovem processos de ensino-aprendizagem mais espontâneos, participativos e criativos, sobretudo, fluir tranquilamente na correnteza das transformações atuais.

1.2 O USO DO WHATSAPP DURANTE A PANDEMIA DO NOVO CORONA VÍRUS.

O momento pandêmico exigiu várias estratégias de professores para o cumprimento das aulas remotas. Muitos necessitaram buscar formação continuada para usar ferramentas digitais, plataformas virtuais, intensificando o uso das tecnologias de informação e comunicação. Essa realidade foi vivenciada em muitas escolas públicas e privadas do país, que para reduzir os prejuízos do ano letivo, passaram a se conectar via internet, com o uso de celulares, tablets e computadores.

Em menos de dois anos, as metodologias ativas, falo aqui da sala de aula invertida, tornou-se necessária na composição das aulas remotas, com a incorporação de aplicativos que ajudariam alcançar o maior número de estudantes. O uso do WhatsApp foi um dos aplicativos mais utilizados depois da suspensão das aulas, tornando a “convivência” mais próxima, engajando professores e estudantes em nutrir parte dos conteúdos escolares.

As aulas remotas estão sendo um desafio, muitas dificuldades de cunho econômico, tecnológico, social tem se apresentando. A “pandemia não dificulta o ensino apenas pelos problemas de acesso à

tecnologia digital por uma parcela dos estudantes, também o papel da escola como espaço de interação e desenvolvimento é afetado” (STEVANIM, 2020, p. 10). Assim, além do grande desafio de possibilitar a todos os alunos o acesso às aulas remotas, nos deparamos com outras apreensões, desde a discussão do papel da escola, questões de desigualdade e outras necessidades que de alguma forma eram abordadas dentro do contexto escolar.

Ao refletirmos sobre as problemáticas citadas no parágrafo anterior, notamos um número elevado de estudantes que não possuem ao menos um aparelho celular, ou que tem apenas um aparelho para o uso de toda a família, implicando também que nem todos os estudantes tivessem acesso às aulas remotas, estabelecendo de alguma forma defasagem escolar.

O Brasil, por apresentar dimensões continentais e historicamente por não realizar políticas públicas educacionais mais igualitárias, continua se deparando com as mais profundas desigualdades econômicas e culturais dentro do sistema de educação. E como antídoto a essas mazelas que se escancararam com a pandemia, o uso pedagógico do WhatsApp, seja uma ferramenta mais acessível encontrada para a efetivação do elo entre professores, estudantes e pais.

2. OS USOS DAS REDES SOCIAIS NO ENSINO DE SOCIOLOGIA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR

O ensino da sociologia na educação básica é marcado pela intermitência. Embora temos poucos anos, desde a reinserção e universalização da disciplina na matriz curricular do ensino médio e em alguns casos fundamental. Porém, a sua reintegração à cultura escolar ocorre de modo paulatino. Trata-se de um contexto caracterizado pela tensão, instabilidade e disputa por legitimidade. E no Brasil, infelizmente a disciplina é vista como ameaça, por conta da capacidade crítica, progressista que desenvolve nos educandos. Este é o momento propício para a construção da identidade da disciplina e de seus agentes.

A partir da década de 1980 ocorre a reinserção da sociologia na matriz curricular do ensino médio em vários estados brasileiros. Desta forma, com a mobilização de vários segmentos da educação básica os intelectuais, a academia, os movimentos sociais e sindicatos, foi promulgada a Lei Federal nº 11.684, de 02 de junho de 2008. O dispositivo legal instituiu o ensino da Sociologia – bem como a Filosofia – como disciplina

obrigatória no currículo escolar do ensino médio. Este período histórico demonstra um aspecto temporal atual da disciplina e, por conseguinte, de afirmação de sua importância na formação dos estudantes.

É nesse contexto que a disciplina se insere simbolicamente em um cenário periférico da hierarquia dos saberes escolares, sendo inicialmente colocada como menos importante, demonstrado pela carga horária mínima de uma aula semanal de 50 minutos. Então nos perguntamos, como ensinar sociologia em um curto tempo?

Diante dessas limitações – espaciais e temporais – que envolvem o ensino de sociologia na educação básica, é necessário a criação, reelaboração das estratégias pedagógicas da disciplina para amplificar e potencializar os conhecimentos das Ciências Sociais e os saberes docentes e discentes para dentro e fora da sala de aula.

Dessa maneira, apresentamos experiências didáticas com o uso da tecnologia – em especial, das redes virtuais para além do espaço escolar institucionalizado – como elemento que amplifica a relação entre estudante e docentes.

O uso do tempo não é um problema apenas para o sistema educacional brasileiro. O sociólogo francês François Dubet (1997) destaca o tempo perdido em sala de aula por conta da resistência dos alunos em relação ao professor. Dubet cita que muitos estudantes não estão dispostos a executar o papel que lhe cabe, de aluno.

É extremamente cansativo dar a aula já que é necessário a toda hora dar tarefas, seduzir, ameaçar, falar (...) Por exemplo, quando a gente fala “peguem os seus cadernos”, são cinco minutos de bagunça porque eles vão deixar cair suas pastas, alguns terão esquecidos seus cadernos, outros não terão lápis. Aprendi que para uma aula que dura uma hora, só se aproveitam uns vinte minutos, o resto do tempo serve para “botar ordem”, para dar orientações”. (DUBET, 1997, p. 223).

A superação desse limite temporal imposto pela matriz curricular é perceptível com a utilização de meios que ultrapassam o espaço físico da escola. As ferramentas online, ajudam e ampliam o tempo de contato entre alunos e professores, estendendo essa relação para além da sala de aula e dos muros escolares. E sendo corretamente utilizada promove aprendizagem.

E como ferramenta amplificadora das ações em sala e porque não dizer, extra sala de aula, buscamos evidenciar como a mídia social

WhatsApp é utilizada para a ampliação das atividades escolares tanto na disciplina Sociologia, como em outras a exemplo do que ocorre com a Geografia e com outras disciplinas na escola municipal, localizada em Salvaterra – arquipélago do Marajó, cuja pesquisa foi realizada.

No ambiente virtual WhatsApp, assuntos das aulas são disponibilizados em vídeos, links, com semanas de antecedência, para que o aluno tenha tempo para baixá-las (em alguns casos, copiar e socializar com os colegas de turma) e por fim, tenham uma disponibilidade maior para estudar o conteúdo proposto. Para as raras exceções, não podemos esquecer que o fator econômico interfere, pois onde o aluno não tem acesso a celular ou à internet, o mesmo material é disponibilizado para impressão em copiadoras que ficam próximas à escola.

Desta forma, o tempo de duas aulas seria mais aproveitado, em virtude dos alunos e alunas já terem contato com o assunto anteriormente, facilitando a didática, a aprendizagem e as trocas interpessoais em sala de aula.

Alguns materiais são disponibilizados para que possam ampliar os conhecimentos dos alunos, tanto em escala local como global. No caso, uma matéria de um *site* jornalístico tratando de acontecimentos atuais que estão diretamente ligados aos assuntos do currículo escolar.

O WhatsApp tem sido usado como ferramenta pedagógica por vários professores e professoras, nas diversas disciplinas. Através do aplicativo, mantém-se uma “central-tira-dúvidas 24h”, pois sabem que uma geração que visa intensificar suas relações interpessoais, ter acesso ao professor e professora em outros momentos e espaços que não restrito à escola, inclusive quando estão fazendo seus exercícios, atividades em casa, tem contribuído para consolidar vínculos e fortalecer aprendizagens. Por exemplo, a professora de língua portuguesa trabalhava um vídeo e um artigo em PDF sobre o assunto democracia e participação na escola pública, e percebi que também poderia aproveitar o material em minhas aulas e disciplina, sendo diretamente ou indiretamente criado uma rede de aprendizagem, interdisciplinaridade e solidariedade entre docentes e discentes.

Evidentemente, que alguns professores fazem a opção de não participar de grupos de WhatsApp, criam barreiras, evitam “laços fortes” (aqueles nos quais há maior intimidade e proximidade entre pessoas, conceito desenvolvido por Mark Granovetter e Castell), ou em muitos casos não tem habilidades para uso de tecnologias. Porém, avalia-se que essa experiência tem sido positiva, pois possibilita o fortalecimento de

uma proposta de professor em tempo integral, dedicado ao estabelecimento de ensino e aos alunos, e mais, a quebra de um ensino tradicional, fechado e repetitivo.

Percebemos, ainda, o desdobrar do professor de geografia em levantar questões cruciais, que permeiam nosso cotidiano. Por exemplo, seria quase impossível conseguir trabalhar em sala de aula, um vídeo da filósofa, Djamila Ribeiro, discutindo inclusão, justiça e desigualdade, por conta do curto espaço de tempo, das intemperes que a escola pública enfrenta, como falta de docentes, lanche, sala de vídeo, equipamentos e outros. Mas, o aluno e alunas tendo contato independentemente do espaço com o assunto a ser trabalhado pelo professor e professoras, já adianta o processo da aprendizagem, criando múltiplas condições da mesma ocorrer.

É nessa perspectiva, que percebemos como os mecanismos virtuais, com destaque para o aplicativo WhatsApp, criam condições para a melhoria do ensino-aprendizagem. Nesse sentido, o sujeito deixa sua condição passiva de receptor do conhecimento para, também, ser um construtor num processo de um ensino e de uma aprendizagem colaborativas do conhecimento

No grupo do WhatsApp de docentes ocorrem trocas de informações pertinentes à escola, além de interagirem a partir dos mais variados temas, aproximam “laços”, constroem redes de conhecimentos para além das salas dos professores, pois os curtos 15 minutos de intervalo são insuficientes para criar estratégias de ensino. É neste momento, que as ferramentas online, redes virtuais, propiciam uma proximidade dos atores sociais envolvidos no processo educacional, promovendo o compartilhamento de informações. Assim, os mecanismos virtuais, contribuem em uma “inclusão” na/da aprendizagem edificando certa inteligência coletiva.

A inteligência coletiva que favorece a cibercultura é ao mesmo tempo um veneno para aqueles que dela não participam (e ninguém pode participar completamente dela, de tão vasta e multiforme que é) e um remédio para aqueles que mergulham em seus turbilhões e conseguem controlar a própria deriva no meio de suas correntes (LÉVY, 2010, p. 30).

Ressaltamos que a construção colaborativa do conhecimento permite a superação de possíveis resquícios do autoritarismo e a consolidação do regime democrático, onde por um viés de uma pedagogia

progressista, com uso da pedagogia da alternância garante o lugar de fala a todos, sem exclusão dos agentes que formam a escola.

Nesta perspectiva, Octávio Ianni (1985) colabora para que possamos entender o contexto histórico-social no qual as instituições escolares estão inseridas, apontando caminhos para o desenvolvimento de um ensino democrático, plural e inclusivo. Aqui voltamos a um problema inicial da nossa discussão: o problema da democratização da escola. A participação de pais, alunos/as, professores/as e funcionários/as faz parte do processo de democratização da escola. Mas há um elemento fundamental para esse processo de democratização da escola. Trata-se do desempenho do professor. Se colocar os meios do saber e o próprio saber à disposição de todos, para que todos possam participar desta realização, estará superando resquícios autoritários de uma determinada situação de ensino e estará desenvolvendo valores, atitudes e sentimentos democráticos, evitando que as pessoas se inibam, que os estudantes tenham constrangimentos ao falar. Isso não é só um problema pedagógico, é um problema político, de democracia. (IANNI, 1985, p. 338).

3. EXPERÊNCIAS VIVENCIADAS NA ESCOLA

A escola municipal onde foi realizada a pesquisa está localizada no bairro centro, município de Salvaterra e oferece como níveis de ensino: a educação infantil e ensino fundamental (6º ao 9º ano), ambos com funcionamento nos turnos manhã e noite. Os recursos humanos da escola estão completos: quadro administrativo, gestão, professores, apoio de limpeza e outros, que colaboram de maneira organizada para atender os dois turnos de funcionamento da escola.

A escola tem 13 salas de aulas, oferecendo 13 turmas no turno manhã e 13 turmas no turno da tarde. Como apoio pedagógico, a escola conta com sala de direção, secretaria, sala de coordenação pedagógica, sala de professores, cozinha e área livre. E conta com os recursos financeiros do Fundo nacional de desenvolvimento da educação básica (FNDE), programa dinheiro direto na escola (PDDE), programa mais alfabetização. Além dos recursos citados anteriormente, os recursos adquiridos pela escola vêm de promoções, eventos e outros.

O estudo foi realizado por meio de uma análise descritiva, a partir de uma pesquisa bibliográfica e de campo, dentro de abordagens qualitativas e quantitativas. Segundo Lakatos e Marconi :

A pesquisa bibliográfica, ou fontes secundárias, abrange toda a bibliografia, já tornada pública em relação ao tema de estudo desde publicações avulsas, boletins, jornais, revistas, livros, pesquisas, monografias, teses, material cartográfico. (Lakatos e Marconi, 1991, p. 183).

Os interlocutores e interlocutoras da pesquisa foram estudantes do 7º, 8º e 9º anos dos turnos da manhã, totalizando 90 alunos. Além de estudantes docentes foram incluídos na pesquisa, perfazendo um total de 17 professores de múltiplas disciplinas, onde para a operacionalização da pesquisa de campo, foram aplicados questionários com todas as pessoas envolvidas nesta investigação.

Neste sentido, Lakatos e Marconi (2205, p.203) consideram que: “Questionário é um instrumento de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas que devem ser respondidas por escrito e sem a presença do entrevistador”.

Os dados foram tabulados por categorias em banco de dados tipo arquivo Excel, e serviram de base para a apresentação em forma de gráficos, enquanto, que as questões abertas, se fará uma análise a partir de cada resposta dos sujeitos, de modo que se pontuarão n trabalho, os depoimentos que se aproxima e se distanciam do problema estudado.

3.1. PERFIL DOS PROFESSORES E PROFESSORAS.

Na busca por elaborar o perfil dos professores e professoras como usuários/as de redes sociais virtuais obtivemos a seguinte caracterização. Do total de 17 docentes 70% não usam a rede social WhatsApp (antes, durante ou depois de suas aulas), enquanto que apenas 30% utilizam como recurso em suas atividades docentes.

Com esses resultados comprovamos que de fato os docentes pouco utilizam recurso digitais virtuais, em especial, o WhatsApp, como ferramenta pedagógica para ministrarem suas aulas, deixando a mesma com poucos atrativos de visualização, informação, tecnologias e novidades em tempo real. Segundo Ribas e Ziviani:

“É o constante fluir de imagens, informações e mensagens que a rede possibilita, além de ser um espaço de transição, que permite a comunicação permanente, precisa e rápida entre os atores da cena mundial, ou seja, uma maneira de constituir-se socialmente com grande potencial interativo”. (Ribas e Ziviani, 2008, p. 05).

Afirmam Ribas e Ziviani que as redes sociais virtuais ajudam no desenvolvimento de um conhecimento estratégico, o qual permitem aos envolvidos, uma interação, trocas, mediação, circulação e uso da informação no contexto das redes sociais.

Outro dado elaborado nesta pesquisa é que 98% destes e destas discentes possuem celular e usam variados aplicativos, entre eles WhatsApp, mas para outros fins que não dizem respeito diretamente às atividades escolares.

Em relação aos estudantes, verificamos que a maioria possui aparelho de telefone celular. Do total, 98% afirmam ter celular, enquanto que apenas 2% dos discentes disseram não possuir telefonia móvel. O motivo apontado por este grupo está relacionado às condições financeiras que limitam a aquisição deste suporte ou por proibições dos pais.

Na escola pesquisada percebe-se que os/as docentes usam o aplicativo WhatsApp, porém de maneira reduzida, se comparada aos/as discentes. Constatamos, que a maioria dos alunos e alunas estão “anteadados” às novidades tecnológicas, rompendo o tradicional método de ensino, pois ultrapassam a barreira física sala de aula, quase sempre interligando as dimensões globais, nacionais, regionais e locais.

Desta forma, as redes sociais virtuais despontam mais como uma ferramenta que favorece ao processo educacional do que um problema para ela. Assim como o jovem/adolescentes também demandam por não ser vistos como um problema decorrente de uso de redes sociais virtuais. Principalmente se for levada em conta que jovens devem ser vistos como sujeitos de direitos, e porque cabe pensar a escola como promotora do direito humano à educação.

Vários são os/as discentes que levam o aparelho celular para escola e, raramente, o utilizam de maneira espontânea como ferramenta pedagógica. Por exemplo usam para jogos, como *free fire*, escutar músicas, acessar Facebook, Instagram e outros. E porque não aproveitar o uso do aparelho para pesquisas e outras atividades pedagógicas? É possível ensiná-los a usar aplicativos, a descobrir maneiras de compreender variados assuntos usando as redes sociais virtuais? Nestes aspectos, é possível constatar que a escola estudada está agregando lentamente as chamadas novas tecnologias de informação e comunicação, quando comparadas aos outros setores sociais.

Quanto ao uso das redes sociais virtuais para fins educacionais, evidencia-se que mesmo sendo considerada a necessidade de educar os/as discentes a usarem essas ferramentas com critérios e responsabilidade

estudantil, há lacunas entre o que é realizado e o que é preconizado no planejamento docente. Por outro lado, as ferramentas que o mundo virtual dispõe estão sendo paulatinamente incorporadas ao cotidiano escolar. Estas ferramentas ainda não são utilizadas a contento, e mesmo que se considerando que estas redes não tenham sido criadas para fins educacionais, os professores já reconhecem o potencial delas para o ensino-aprendizagem.

Os suportes tecnológicos que a escola pesquisada dispõe são reduzidos. Observou-se que há poucos e desatualizados recursos tecnológicos, não há disponibilidade de internet gratuita aos alunos, nem rede wi-fi. Além disso, poucas atividades de pesquisas extraescolar e práticas são oferecidas pelos docentes aos alunos e alunas. Notou-se que raramente os/as alunos/as são estimulados a expressar ideias, conhecimentos, sendo considerados “depósitos de acúmulos de informações”, pois não são incentivados a buscar reflexões profundas sobre tais assuntos discutidos em sala, com ou sem usos de celulares.

Observamos, ainda, que a escola possui uma sala com computadores e tvs, integrada à sala de professores, mas durante a investigação deste trabalho não presenciamos em nenhum momento os alunos e alunas desenvolvendo atividades neste espaço, apenas o rotineiro uso do quadro branco, pincel e livro. Os recursos tecnológicos informacionais pedagógicos ficam em desuso, sendo subutilizados, e ao longo do tempo tornam-se obsoletos, conforme pode ser observado nas imagens a seguir.

Figura 01 e 02: Recursos pedagógicos não utilizados na escola



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Figura 03: Aparelhos de Tecnologia de Informação e Comunicação não utilizados na escola



Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

Embora não restrita às questões tecnológicas, pode-se afirmar que os problemas e dificuldades apresentados em relação à aprendizagem tem uma relação com a reduzida incorporação de ferramentas comunicacionais como as redes sociais virtuais e outros suportes de comunicação mediados pela rede de computadores. Cabe destacar que neste contexto, o êxito ou não do processo ensino-aprendizagem necessita ser analisado a partir de outras variáveis como, por exemplo, as precárias condições de trabalho, os ambientes escolares inadequados, pouco estímulo à atualização, estudantes com problemas de diversas naturezas e desvalorização da profissão de docente.

Uma das sugestões para amenizar as dificuldades na escola é envolver a família, alunos e comunidade escolar em ações educacionais para melhorar a prática pedagógica. Integrando todos os sujeitos do processo ensino-aprendizagem é possível alcançar significativamente uma educação de qualidade e propositiva.

Como citado anteriormente, a escola lócus desta pesquisa é localizada na ilha do Marajó, Salvaterra-PA (Amazônia), pertencente a micro-região Arari, com exuberantes paisagens naturais, espaços híbridos entre rural e urbano, estando a 78km de distância da capital Belém.

No que tange a recursos/ espaços educativos que podem servir de meios a aprendizagem, a cidade apresenta uma biblioteca municipal pouco frequentada, museus deteriorados, poucas han houses, não há cinemas, teatros, conservatórios e outros. Grande parte dos alunos entrevistados não frequentam nenhum dos espaços citados ainda pouco,

sendo em alguns casos, a praça da cidade, conhecida como PRAÇA DAS COMUNICAÇÕES, o local de encontro com amigos, de conversas, até mesmo de pesquisas de alguns trabalhos, pois é o único local da cidade que tem internet gratuita, graças ao Programa de Inclusão Digital NAVEGA PARÁ, coordenado pela Secretaria de Estado de Ciência, Tecnologia e Educação Profissional e Tecnológica (SECTET) e pela Empresa de Tecnologia da Informação e Comunicação do Pará (Prodepa). Com números expressivos e perspectivas de crescimento em todo o estado, oferece à população acesso gratuito a internet de banda larga, consolidando-se, hoje, como uma das maiores iniciativas públicas voltadas à democratização dos recursos da informática e da internet no Brasil.

Figuras 19 e 20: Antena do NAVEGA PARÁ e praça das comunicações.



Figura 19



Figura 20

Fonte: Pesquisa de campo, 2019.

A educação precisa acompanhar as mudanças em um ritmo mais acelerado, a sociedade transformou-se, evoluiu e educar tornou-se mais complexo, dinâmico, pois as tecnologias exigem formas diligentes de ensinar e aprender, onde o grande desafio dos professores é fazer com que o aprendizado se torne significativo e para que isso aconteça é preciso ousar, criar e refletir sobre sua prática de ensino diante das tecnologias. A visão de Lévy (1999), a função do professor não deve estar

focada na mera transmissão dos conhecimentos, o aprendizado precisa ser construído através de incentivo, o professor precisa ser um incentivador da construção do conhecimento de seus alunos.

Faz-se necessário o professor construir cidadão ativos, mas para isso é necessário haver cidadania ativa, sociedade democrática, igualdade de oportunidades e igualdade nas distribuições de renda. Essa é uma tarefa para todos, não apenas para o professor, e é uma tarefa que não se “ensina”, mas se aprende conjuntamente, se aplica nas relações inter-humanas, inclusive no ensino.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da pesquisa realizada, percebe-se que o uso das redes sociais virtuais é um fenômeno presente na escola pública onde atuo. Ressalto aqui, que esse uso é mais realizado pelos discentes ao invés dos docentes. E que não tratamos as tecnologias da informação e comunicação como salvadoras da educação brasileira, mas como parte de certos fenômenos sociais nos quais a escola, os estudantes e os docentes estão implicados e são (ou podem ser) protagonistas.

É necessário compreendermos que a utilização das tecnologias da informação e comunicação, das redes sociais virtuais e de outras mídias em educação carece ser acompanhada de uma problematização sobre as práticas e os saberes escolares, levando em consideração os fatores que permeiam nossas relações sociais, tais como: certos padrões de consumo, da latente desigualdade produzida pelo capitalismo e das tensões sociais.

As vivências na sala de aula e as relações sociais entre estudantes e professores/as ganharam novos contornos, pois as hierarquias sustentadas no controle de informações quase exclusivo de docentes foram alteradas, devido ao acesso relações de poder baseadas instituição. em quase sempre nos remetemos a um espaço bastante típico denominado escola e, assim, relacionamos a um espaço que tem às aulas, repetitivamente expositivas, provas, testes e lições de casa. Essa educação escolar pode ser denominada de pedagogia tradicional, porém sabemos que não é só na escola (espaço fechado e limitado) que aprendemos. Outros ambientes também nos ensinam, e alguns desses, nos dias atuais, são as redes sociais virtuais, acessados principalmente por celulares, computadores, *tablets*.

A investigação deste trabalho comprovou que existem poucos trabalhos realizados, fora da sala de aula, que instrumentos pedagógicos são

subutilizados, e que ainda muitos docentes resistem ao uso de novas ferramentas de aprendizagem. Este cenário não pode persistir como está. Não se pode furtar dos discentes, a curiosidade, as novas descobertas a potencialização de suas inteligências múltiplas. É necessário apostar que a aprendizagem ocorre de múltiplas formas. Quem sabe é a escola que precisa repensar como podemos aprender a partir de novas práticas de sociabilidades, de novas REDES, de novas culturas juvenis?

Por fim, corroboro que as redes sociais virtuais, em destaque neste trabalho, o aplicativo WhatsApp, pode e deve ser utilizado no contexto escolar, pois cria condições de novos ambientes de aprendizagem criativa, colaborativa, investigativa, consultiva, e digo mais, de respeito as divergências de opiniões, construindo assim, autonomia aos discentes e estreitamento de relações com laços fortes entre os sujeitos do processo ensino aprendizagem, proporcionando uma educação de qualidade, fluida e dinâmica.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, P. C.; BOTTENTUIT JÚNIOR, J. B. O aplicativo de comunicação Whatsapp como estratégia no ensino de filosofia. Revista Temática, Salvador, Ano XI, n. 2. Fev. 2015. Disponível em: . Acesso em: 12 jun. 2017.

CASTELLS, M. A Cultura da virtualidade real: a integração da comunicação eletrônica, o fim da audiência de massa e o surgimento de redes interativas. In: A Sociedade em Rede - a era da informação: economia, sociedade e cultura. Tradução de Roneide Venâncio Majer. São Paulo, Paz e Terra, 2006, V-I, pp 413-462.

CASTELLS, M. A Era da Informação: o Poder da Identidade. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

CASTELLS, M. A era da intercomunicação. Le Monde Diplomatique, agosto de 2006.

CASTELLS, M. A sociedade em rede. 11 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

DUBET, François. Quando o sociólogo quer saber o que é ser professor. Revista Brasileira de Educação. n. 6. Set/Out/Nov/Dez de 1997. Disponível em: <http://disciplinas.stoa.usp.br/pluginfile.php/16648/mod_resource/

content/1/Dubet_Entrevista_Qdo_o_sociologo_quer_saber_o_que_e_o_professor.pdf>. Acesso em: 10 out. 2014.

FOUCAULT, Michel. A arqueologia do saber. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. Diálogo sobre o poder. In: MOTTA, Manoel Barros da (org.). Ditos e escritos: ética, estratégia, poder-saber. Tradução de Vera Lúcia Avellar Ribeiro. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. v. 4.

FOUCAULT, Michel. Vigiar e punir: nascimento da prisão. Trad. Raquel Ramallete. 39. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

GOMES, Helton Simões. Criado em 2009, WhatsApp cresceu mais rápido que Facebook em 4 anos: 450 milhões usam o app; aos 4 anos, site era usado por só 145 milhões. Facebook anunciou compra do aplicativo WhatsApp por US\$ 16 bilhões. G1 São Paulo. 20/02/2014. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2014/02/criado-em-2009-whatsapp-cresceu-mais-rapido-quefacebook-em-4-anos.html>>. Acesso em: 11 jun. 2017.

IANNI, Octávio. O Ensino das Ciências Sociais no 1º e 2º graus. Palestra proferida na Coordenação de Ensino e Normas Pedagógicas do Estado de São Paulo (CENP/SP), em 1985.

LÉVY, Pierre. Cibercultura. São Paulo: Editora 34, 2010.

LÉVY, Pierre. O que é Virtual. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996.

MARTELETO, R. M. Análise de Redes Sociais: Aplicação nos estudos de transferência de informação. Ciência da informação, Brasília, v. 30, n.1, p.71-82, 2001.

RIBAS, Cláudia S. da Cunha; ZIVIANI, Paula. Redes de Informação: novas relações sociais. Revista de Economia Política de Iãs Tecnologias de la Información y Comunicación. Disponível em: <<http://www.epitec.com.br>>, vol. X, n.1, enero - abr. /2008. Acesso em: 26 mar. 2011.

RIBEIRO, José Carlos; FALCÃO, Thiago; SILVA, Tarcízio. Mídias sociais: saberes e representações. Salvador: EDUFBA, 2012.

SOUZA, Joana; COUTO, Edvaldo. Snapchat: viver e aprender em meio a mensagens autodestrutivas. In: COUTO, E.; PORTO, C; SANTOS, E. App-learning: experiências de pesquisa e formação. Salvador: EDUFBA, 2016.

STEVANIM, Luiz Felipe. Exclusão nada remota: desigualdades sociais e digitais dificultam a garantia do direito à educação na pandemia. Radis, Rio de Janeiro, FIOCRUZ, n. 215, p. 10-15, ago. 2020.

WHATSAPP BLOQUEADO: Relembre todos os casos de suspensão do app. Determinação da Justiça do Rio é a quarta tentativa de bloquear WhatsApp. Operadoras de telefonia já foram notificadas para suspender acesso ao app. G1 São Paulo. 19/07/2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2016/07/whatsapp-bloqueado-relembre-todos-os-casosde-suspensao-do-app.html>>. Acesso em: 11 jun. 2017.